

CNI constata redução ³² de 7% nas vendas reais

Roberto Rockmann

De São Paulo

As vendas reais da indústria caíram 7% em maio em comparação anual e o mercado de trabalho já começa a apresentar sinais de retração. Isso é o que aponta sondagem conjuntural divulgada ontem pela Confederação Nacional da Indústria (CNI).

Dados da pesquisa sugerem que o mercado de trabalho, que até abril mostrava sinais de recuperação, pode estar dando indícios de mudança. Apesar de o emprego ter crescido 0,48% em maio — número positivo pelo quinto mês consecutivo —, a expansão se deu em velocidade inferior à apurada em abril, quando o indicador teve alta de 0,73%.

Com ajuste sazonal, o índice de maio apresentou queda de 0,1%. “A rápida mudança do cenário macroeconômico pode ter contaminado o emprego e isso pode ser um indício de mudança”, afirmou o economista da entidade, Flavio Castello Branco. Após dois meses de elevação, as horas trabalhadas na produção recuaram 1% em comparação anual e 0,2% ante abril.

As vendas dessazonalizadas da indústria caíram 3% ante abril. No acumulado dos cinco primeiros meses do ano, o recuo chega a 1,4%. O nível de utilização da capacidade instalada mostrou-se praticamente estagnado em relação a abril, ficando em 81,3%. Mas, em comparação anual, o indicador teve queda de 0,5 ponto percentual.

A alta do dólar, a queda na renda dos consumidores e a interrupção dos cortes nas taxas de juros estão fazendo com que a indústria esteja “andando de lado”. “É muito difícil que haja recuperação. O cenário atual é de estagnação”, disse Castello Branco.

Nesse quadro, a economia do país deve crescer no máximo 2%. Mas, se a política monetária do governo continuar apertada nos próximos meses desse ano em razão da difícil conjuntura, a expansão poderá ser ainda menor, ficando próxima de 1,5%. Mais sensível à política de juros, a indústria deverá terminar 2002 com um desempenho ainda pior, com crescimento próximo a 1%. “A situação é muito ruim. Há muitos entraves no caminho para serem retirados.”